



Forte da Prainha, Santa Maria

A defesa da ilha



Panorâmica da baía de Vila do Porto, a partir do terraaplano do Forte de S. Brás.

Ao longo de sua história os Açores foram escala para as embarcações que cruzavam o Atlântico Norte com destino à Europa. Esse movimento marítimo de mercadorias e gentes atraiu beligerantes, corsários e piratas de várias bandeiras, o que sempre manteve as populações insulares e a Coroa de Portugal em cuidados.

Santa Maria é naturalmente defendida por arribas - encostas rochosas que terminam abruptamente sobre o mar -, das mais altas do arquipélago. Essa defesa é interrompida em apenas cinco pontos, onde é possível intentar um desembarque: o porto da Vila, a praia Formosa, e as baías da Maia, de São Lourenço e dos Anjos. Nos primeiros tempos do povoamento, a defesa da ilha assentava essencialmente num sistema de vigilância destes ancoradouros naturais, procurando antecipar quaisquer possíveis ameaças. Nestas vigias eram acesas fogueiras - "fachos" - com o fim de alertar as populações.

Ainda assim, embora relativamente distante das rotas das naus que retornavam das Índias e do Brasil, Santa Maria sofreu uma tentativa de ataque por corsários Franceses em 1553, e foi assaltada por Franceses (1576), pelos Ingleses da armada de Sir George Clifford, conde de Cumberland (1589), e por piratas da Barbária (1616 e 1675). Vinham em busca de valores e de suprimentos, e causaram a destruição de solares, conventos, igrejas e ermidas. Os últimos vieram também para capturar prisioneiros, escravizados ou, posteriormente, resgatados a bom preço.

No período da Dinastia Filipina (1580-1640) a defesa de Santa Maria passou a depender do Governador-geral sediado na Ilha Terceira. Como reação aos ataques cada vez mais frequentes de corsários ao arquipélago, a Coroa espanhola determinou o reforço do sistema defensivo das ilhas atlânticas. Desse modo, a partir do século XVII Santa Maria foi cercada por um cordão de pequenas fortificações marítimas em que se destacavam o Forte de São Brás de Vila do Porto e o Forte de São João Baptista da Praia Formosa. Cada um destes fortes possuía o seu capitão ou condestável, e os seus artilheiros. Foi criada ainda a tropa a soldo, dividida em terços, e a população convocada a exercícios militares regulares, fazendo-se anualmente o alardo (inspeção das forças militares). A eficácia destas medidas é atestada pelo fato de, após implantadas, apenas se ter registado mais uma incursão, noturna, em 1675, de piratas da Barbária no lugar dos Anjos.

O Forte de S. Brás e a defesa do porto da vila

A defesa da vila e do seu porto, primitivamente efetuada por características naturais - uma arriba entre duas ribeiras, a leste e a oeste -, a partir do século XVII passou a ser efetuada por um conjunto de pequenas fortificações. A defesa exterior estava postada na ponta do Malmerendo (Fortim ou Bateria da Forca, a oeste), e na ponta do Marvão (Fortim ou Bateria do Marvão, a leste). A interior ficou composta pelos dois fortins do porto (Fortins da Areia), ao lume d'água e pelo Forte de S. Brás, no Alto da Rocha.

Chegaram até nós apenas as ruínas do Fortim do Marvão e o Forte de São Brás numa reconstrução do final do século XX.



Fortim do Marvão
(no solo, um antigo canhão abandonado)



Forte de S. Brás de Vila do Porto (terrapleno).



Ponta do Malmerendo



Farolim da Ponta do Malmerendo



Forte de S. João Baptista

A costa sul

A defesa da baía da praia Formosa era efetuada por uma série de estruturas: de oeste para leste, o Fortim do Figueiral, o Fortim da Prainha, o Fortim de S. João Evangelista, o Forte de S. João Baptista, e o Fortim da Baixa do Vigário.

Chegaram até nós apenas os fortins do Figueiral e da Prainha, e o Forte de S. João Baptista, todos em ruínas.



Antiga foto do forte



Antiga vista exterior do forte



Antiga vista do terrapleno

As baías da Maia e de S. Lourenço

A defesa da costa leste da ilha era efetuada por fortins ou baterias sobre os ancoradouros da Maia e de S. Lourenço. Alguns autores compreendem que também terá existido uma fortificação ou ao menos uma vigia, na chamada ponta do Castelo. Chegaram aos nossos dias apenas vestígios das duas primeiras, ao passo que a última sobrevive apenas na toponímia.



Fortim da Maia (vestígios no topo da elevação)



Fortim de S. Lourenço (ao centro, à esquerda, vestígios da antiga muralha)



Farol de Gonzalo Velho, ponta do Castelo.



Forte de Nossa Senhora dos Anjos: ao fundo a baía dos Anjos; no chão, antigas peças de artilharia.



Bateria da Laje da Peça: vestígios; ao fundo a baía dos Anjos.



Forte do Cabrestante: ponta de Cabrestantes.

A costa norte

A defesa da costa norte estava focada na baía dos Anjos, através de uma fortificação de maiores dimensões, o Forte de Nossa Senhora dos Anjos e de outra, menor, a Bateria da Laje da Peça, que lhe era oposta. Essa defesa era complementada por uma pequena fortificação na ponta de Cabrestantes. De todas essas estruturas restam-nos apenas vestígios.

Da 2ª Guerra Mundial à Guerra Fria

Menos conhecidas e pouco estudadas são as estruturas defensivas erguidas à época da 2ª Guerra Mundial, nomeadamente para defesa do Aeroporto então construído já ao final do conflito, como por exemplo baterias antiaéreas: simples estruturas de campanha, não chegaram até nós. Restam-nos ainda, como curiosidade, alguns já poucos exemplares dos abrigos pré-fabricados para uso dos militares dos Estados Unidos à época, os "Quonset hut".

Já no contexto da Guerra Fria foram construídas as chamadas "Casamatas do Pico Alto", estrutura subterrânea à prova de bombas nucleares, destinada a abrigar um posto de comando de comunicações em caso de conflito, a estação LORAN de Santa Maria e o menos conhecido Polígono de Acústica Submarina dos Açores (Prédio Militar nº 11 / Vila do Porto - Terreno de Cabrestantes), estas duas últimas instalações hoje em ruínas.



Casamatas do Pico Alto

"Quonset hut", bairro do Aeroporto

Estação LORAN



ROTEIRO

- | | |
|--|--|
| 1 Fortim da Forca (ruínas Escalim do Matrazinho) | 11 Vigia da Ponta do Castelo (ruínas Forte de Grande Velho) |
| 2 Forte de S. Brás | 12 Fortim de N. S.ª dos Prazeres (Fortim da Maia, vestígios) |
| 3 Fortim do Porto (Café da Praça, desaparecido) | 13 Fortim de S. Lourenço (vestígios) |
| 4 Fortim do Porto (Café do Padre, desaparecido) | 14 Forte de N. S.ª dos Anjos (restos) |
| 5 Forte do Marvão | 15 Bateria da Laje da Peça (vestígios) |
| 6 Forte do Figueiral (ruínas) | 16 Fortim do Cabrestante (vestígios) |
| 7 Fortim da Praia (ruínas) | 17 Casamatas do Pico Alto |
| 8 Fortim de S. João Evangelista (desaparecido) | 18 Estação LORAN de Santa Maria (ruínas) |
| 9 Forte de S. João Baptista (ruínas) | 19 Estação do Polígono de Acústica Submarina dos Açores (ruínas) |
| 10 Fortim da Baixa do Vigário (restos) | 20 Quonset huts do Bairro do Aeroporto |

uma iniciativa



com o apoio



texto e pesquisa:
Carlos Luis Cruz
fotografia:
Foto Pepe
Carlos Luis Cruz
design:

